



Childhood & Philosophy

E-ISSN: 1984-5987

wokohan@gmail.com

Universidade do Estado do Rio de
Janeiro
Brasil

Olarieta, Beatriz Fabiana

O SOL E AS LARANJAS . O U SOBRE O LUGAR ONDE AS CRIANÇAS E A POES IA
SE ENCONTRAM

Childhood & Philosophy, vol. 9, núm. 17, enero-junio, 2013, pp. 11-23

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Maracanã, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=512051608002>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

re^odalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

O SOL E AS LARANJAS.
OU SOBRE O LUGAR ONDE AS CRIANÇAS E A POESIA SE ENCONTRAM

Beatriz Fabiana Olarieta
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Brasil

Resumo:

Ao apresentar a instigante vizinhança entre as palavras de algumas crianças (a partir do registro que Pedro Bloch faz em seu *Dicionário de humor infantil*) e as de um poeta (Pablo Neruda em *O livro das perguntas*), este ensaio explora a infância como uma dimensão da existência humana que foge tanto da visão cronológica do tempo quanto da linguagem capturada pela lógica. Ao longo do trabalho mostra-se como tempo e linguagem funcionam como estabilizadores da experiência e como a infância fere a forma de ordenar o mundo que eles habitualmente propiciam. Ao provocar uma desestabilização, ao entrar numa dimensão inaugural, a infância que habita nas crianças (mas não só nelas, nem sequer em todas elas) e na poesia abre uma oportunidade para a criação de novos sentidos e traz a multiplicidade e o movimento que habitam no mundo. Pensar-nos é necessariamente pensar-nos no tempo. Não há experiência possível fora do tempo. Por sua vez, da forma que entendamos o tempo dependerão as possibilidades ou impossibilidades da nossa experiência. A infância costuma ser considerada como uma etapa de transição que vai constituir o passado do qual nós adultos provimos. Do mesmo modo, é habitual transformá-la em promessa de futuro de nossa espécie. Na busca de uma compreensão que escape dessa perspectiva, apresenta-se aqui a infância do tempo como um devir que excede os corpos das crianças e penetra no de um velho poeta. Deleuze permeia essa possibilidade. Por outra parte, nossa experiência também se define na linguagem. As palavras nos ensinarão não só a dizer, mas também a ver, a pensar, a compreender as coisas e a compreender-nos de um modo particular. Então, quando alguém entra na infância da linguagem (além da idade que tenha), quando brinca com as palavras e as força a dizer coisas novas, brinca com os sentidos do mundo, brinca com o modo que esse mundo é pensado e percebido, com o modo que esse mundo se apresenta e com as possibilidades que temos de agir nele.

Palavras-chave: infância; criança; poesia; tempo; linguagem.

El sol y las naranjas. O acerca del lugar donde los niños y la poesía se encuentran

Resumen:

Al presentar la instigante proximidad entre las palabras de algunos niños (a partir del registro que hace Pedro Bloch en su *Diccionario de humor infantil*) y las de un poeta (Pablo Neruda en *El libro de las Preguntas*), este ensayo explora la infancia como una dimensión de la existencia humana que escapa tanto a una visión cronológica del tiempo como a la del lenguaje capturado por la lógica. A lo largo del texto se muestra cómo el tiempo y el lenguaje funcionan como estabilizadores de la experiencia y cómo la infancia, que habita tanto en los niños (aunque no sólo en ellos, ni siquiera en todos ellos) como en la poesía, hiere la manera de ordenar el mundo que éstos habitualmente propician. Al provocar una desestabilización, al entrar en una dimensión inaugural, la infancia abre una oportunidad para la creación de nuevos sentidos y trae la multiplicidad y el movimiento que habitan en el mundo. Pensarnos es necesariamente pensarnos en el tiempo. No hay experiencia posible fuera del tiempo. A su vez, de la manera que tengamos de entender el tiempo dependerán las posibilidades o imposibilidades de nuestra experiencia. La infancia suele ser considerada como una etapa de transición que constituirá el pasado del cual provenimos

los adultos. Del mismo modo, es habitual transformarla en promesa del futuro de nuestra especie. En la búsqueda de un entendimiento que escapa a esta perspectiva, presentamos aquí a la infancia del tiempo como un devenir que excede a los cuerpos de los niños y que penetra en el de un viejo poeta. Deleuze permea esta posibilidad. Por otro lado, nuestra experiencia también se define en el lenguaje. Las palabras nos enseñan no sólo a decir sino también a ver, a pensar, a comprender las cosas y a entendernos de un modo particular. Siendo así, cuando alguien entra en la infancia del lenguaje (más allá de la edad que tenga), cuando juega con las palabras y las fuerza a decir cosas nuevas, está jugando con los sentidos del mundo, con la forma en que ese mundo es percibido y pensado, con la manera en que el mundo se presenta y con las posibilidades que tenemos de actuar en él.

Palabras clave: infancia, niño, poesía, tiempo, lenguaje.

Sun and Oranges: Where Children and Poetry Meet

Abstract:

By inquiring into the provocative proximity between the words of some children (as recorded in Pedro Bloch's *Dictionary of Child Humor*) and the words of a poet (Pablo Neruda's, in *The Book of Questions*), this essay explores childhood as a dimension of human existence that escapes from the chronological vision of time and from the language captured by such logic. In this work we show how time and language work to stabilize experience, and how childhood breaks with the norms that habitually order the world they inhabit. By provoking a destabilization and entering into an inaugural dimension, childhood inhabits children (but not only them, and not all of them) and poetry opens an opportunity for the creation of new meanings, bringing us into contact with the multiplicity and the movement that inhabits the world. To think ourselves is necessarily to think ourselves in time; there is no possible experience outside of time. On the other hand, the possibilities or impossibilities of our experience depend on the way we understand time. Childhood is often considered as a transitional step that will constitute the past from which we, adults, came. By another, analogous reflex, we adults tend to transform childhood into a future promise of our species. In seeking an understanding that escapes from this dualistic perspective, we present here the childhood of time as a becoming that exceeds the child's body and penetrates the body of an old poet. On the other hand, our experience is also defined by language. The words we learn allow us not only to say, but also too see, to think, to understand things and to understand ourselves in a particular way. So, when we enter the language of childhood (beyond any age we may be), when we play with the words we have and force them to say new things, or play with word meanings in order to play with the way this world is thought and perceived, we play with the way this world presents itself, and the possibilities we have of acting in it.

Keywords: Childhood, child, poetry, time, language



O SOL E AS LARANJAS. OU SOBRE O LUGAR ONDE AS CRIANÇAS E A POESIA SE ENCONTRAM

Este texto é um ensaio que fala sobre a infância. Por que esse título? O que tem a ver o sol com as laranjas? E o que tem a ver as laranjas e o sol com a infância?

Como veremos, o sol e as laranjas remetem à poesia e a uma infância que é das crianças, mas não só delas. Ao colocá-las em relação pretendemos refletir sobre o exercício de desestabilizar sentidos que tanto a infância da linguagem, encarnada na poesia, quanto a infância das crianças, encarnada em algumas de suas vozes, portam.

Vamos começar por fazer contato com alguns fragmentos que trazem algo dessa desordem compartilhada.

O médico e escritor Pedro Bloch (1999) recolheu durante muito tempo centenas de expressões e observações de seus pequenos pacientes, crianças entre três e nove anos, acerca do mundo e seus sentidos, e construiu com elas um *Dicionário de humor infantil*. Sobrevoemos por algumas das suas palavras.

BEIJA-FLOR: é um passarinho que inventou o tempo parado (p. 30).

BORBOLETA: é uma flor que pensa que sabe voar (p.33).

DESENHO: Adulto acha que meu desenho é só rabisco. Se ele fosse criança, ia a entender que este meu desenho é pressa. É um traço correndo atrás do outro (p.51).

DÚVIDA: Por que é que todo dia é hoje? (p.56)

ESCURO: Quando acende a luz, pra onde é que vai o escuro? (p.64)

ESQUILO: É um bichinho lindo. E o nome dele serve certinho pra ele. Você já pensou se esquilo se chamasse caranguejo? Ia a ser o bicho mais feio do mundo (p.65).

FIM: É o antônimo de infinito? Ou será antônimo de começo? Ou nenhum dos dois? (p.75)

INFINITO: É uma coisa que, quando você acha que acabou, ainda nem começou (p. 93).

LETRA: Eu ainda não tenho idade de letra. Por enquanto, sou só de meu tamanho (p. 103).

MISTÉRIO: Nas tevês em preto e branco, para onde vão as outras cores? (p. 112)

MORRER: É ver a flor pela raiz (p.113).

PALHAÇO: É um homem todo pintado de piadas (p. 130).

PENSAMENTO: É um sonho sem cor (p.132).

PONTO FINAL: todo o mundo bota ponto final. Eu acho que a gente também devia botar ponto de começo (p. 134).

PROSA E POESIA: Prosa é palavra em preto e branco. Poesia é palavra a cores (p. 137).

REFLEXO: É quando a água se veste de árvores (p. 146).

SOL: O sol acende o dia. A professora teve a coragem de dizer que o Sol é uma estrela e eu fingi que acreditei (p.154)

Por que colocar essas “simpáticas” expressões como exemplo de desordem? Por que essas palavras nos produziriam confusão? Gostaria de inverter a pergunta: Por que quase ninguém fica confuso depois de ler ou escutar o que estas crianças disseram? Por que não se sente obrigado a parar para pensar nisso? Por que não ficamos perplexos? Por que nosso entendimento não se sente desafiado quando alguém afirma que o beija-flor “é um passarinho que inventou o tempo parado”?

Perante estas perguntas ou comentários das crianças, costumamos proceder rapidamente. Depois de esboçar um sorriso, tendemos a digerir essas frases em termos cronológicos. Essas expressões parecem-nos engraçadas e tingidas de uma ingenuidade própria de sua idade - ingenuidade que nós já perdemos e com a qual só podemos relacionar-nos através de um sorriso saudosos. Guiados por nossa formação (ou deformação?) profissional podemos pensar que esses comentários e perguntas das crianças estão munidos de um sincretismo; de um certo animismo infantil; que estão tingidos pela imaturidade para mexer com as noções espaciais e temporais que, pela sua abstração, ainda resultam incompreensíveis para elas; que surgem de uma incapacidade para distinguir a realidade da fantasia; que são produto de um pensamento concreto, próprio dessa etapa da vida. cremos achar a causa dessas palavras em uma imaturidade. Depositamos a confusão que elas portam na incapacidade transitória dessas crianças para compreender e estabelecer distinções claras e estáveis. Assim, nossa tranquilizadora explicação nos deixa impermeáveis à inquietação que essas palavras infantis portam. Elas não podem questionar-nos porque procedem de alguém que ainda não sabe, que está confuso, que é muito ingênuo, muito inocente, mas que aos poucos, com o passar do tempo e o acompanhamento de uma cuidadosa educação, irá compreendendo como são as coisas.

Vejamos agora os versos que um poeta escreveu pouco tempo antes de morrer. Pablo Neruda preencheu a páginas do *Livro das perguntas* (2008), tal como o título o indica, exclusivamente com perguntas como:

Como se chama a flor



que voa de pássaro em pássaro?

Quantas semanas tem um dia
e quantos anos tem um mês? (XXIII)

Que distância em metros redondos
há entre o sol e as laranjas?

Quem acorda o sol quando dorme
em sua cama abrasadora? (XXIX)

Foi onde enfim me perderam
que consegui me encontrar? (XXXIII)

Quanto dura um rinoceronte
depois de ser enternecido?

As folhas vivem o inverno
em segredo, com as raízes?

Que aprendeu da terra a árvore
para conversar com o céu?(XLI)

Sofre mais quem espera sempre
ou quem nunca esperou ninguém? (XLII)

Quem era aquela que te amou
no sonho, quando dormias?

Para onde vão as coisas do sonho?
Vão para o sonho dos outros? (XLIII)

O amarelo dos bosques
é o mesmo do ano passado?

E onde o espaço termina
se chama morte o infinito? (XLV)

Quando vejo de novo o mar,
o mar me viu ou não me viu? (XLIX)

Se todos os rios são doces
de onde o mar tira o sal?

Como sabem as estações
que devem trocar de camisa? (LXXII)

Podemos perceber como algo do que ouvimos nas expressões das crianças ecoa nos versos de Neruda. Alguma espécie de parentesco parece vinculá-los. Há algo de criança nesses versos. Mas, já não temos aqui a possibilidade de atribuir à idade a causa destas palavras simpáticas(?), imaturas(?), poéticas(?).

Para não renunciar às explicações prontas, temos ainda o recurso de acusar Neruda de estar copiando às crianças. Mas, será que os versos de Neruda estão imitando a criança ainda não amadurecida? Outra possibilidade seria considerar que a causa do infantil desses versos se encontra nos destinatários. Será que o poeta estava querendo destinar seu livro às crianças? Qual é essa infância que percebemos no poeta chileno? Não está claro.

O Livro das perguntas nos coloca perante a evidência de uma infância que não podemos digerir facilmente com as ideias que temos. O livro, lançado no Brasil no ano 2008, não cede facilmente às classificações por idades em que a literatura tão comumente é processada pela indústria editorial. Será um livro próprio de uma coleção infanto-juvenil ou será um livro para adultos? A editora resolveu o problema colocando o título tanto entre os livros destinados às crianças quanto no setor nomeado “adulto”. Figura duas vezes no seu catálogo. Estas mais de 300 perguntas resultam inclassificáveis, resistem a serem definidas pelo claro contorno de um gênero ou subgênero definido com base na idade.

Muitas das afirmações das crianças registradas por Bloch poderiam ser parte de um poema. Muitas dessas perguntas poderiam acrescentar-se a *O livro das perguntas* de Neruda. Muitas das perguntas de Neruda poderiam aparecer no dicionário de Pedro Bloch e não perceberíamos sua procedência, se não fôssemos advertidos.

Ao colocar o *Dicionário de humor infantil* ao lado de *O livro das perguntas* de Neruda, ao perceber uma difusa região onde ambos se tocam, se acariciam suavemente, a infância parece cobrar outra dimensão que excede a idade que se tenha. Se coloca em um outro tempo. Ela guarda uma proximidade a esse tipo de exercício que costumamos atribuir às crianças, mas excede a referência exclusiva a uma idade da vida.

Vamos considerar, então, uma infância que de algum jeito tem a ver com as crianças, mas que não tem a ver exclusivamente com elas, nem sequer tem a ver com todas as crianças.

Qual é a localização no espaço, no tempo e na linguagem onde Neruda se colocou para escrever seu livro? Onde esse espaço, esse tempo e essa linguagem sobrevoam a infância das expressões registradas por Bloch?



Tempo e infância.

No que respeita ao tempo, a infância costuma ser pensada como uma etapa de transição que vai constituir o passado do qual nós adultos provimos. Esse trecho do caminho que hoje transitam aqueles que são crianças já foi percorrido e superado por nós e, por isso, achamos saber de que se trata. Ao mesmo tempo, costumamos transformar a infância em promessa de futuro de nossa espécie. São as crianças de hoje (adultos do amanhã) as que recebem a missão de melhorar no mundo aquilo que nós não quisemos ou não soubemos fazer.

Essa visão tem de fundo uma concepção de tempo que ordena e distribui, uniformemente, momentos que se sucedem em uma linha cronológica. O tempo, desde esta perspectiva, parece algo estático e acumulável. Colocados aqui achamos que o tempo pode congelar-se. Dividindo meticulosamente com nossos relógios, em fragmentos exatamente iguais, segundos, minutos e horas; organizando em nossos calendários dias, meses e anos, acabamos acreditando que o tempo pode ser medido, controlado, que podemos distinguir quando cada fragmento começa e quando acaba. Inclusive chegamos a acreditar que podemos acumular tempo. E assim como sessenta segundos fazem um minuto e sete dias uma semana, determinada quantidade de anos faz uma infância. Desde essa lógica os versos de Pablo Neruda não tem mais chance do que a ser uma triste e empobrecida imitação de um tempo que para o velho poeta já passou e que não retornará.

Pensar-nos é necessariamente pensar-nos no tempo. Não há experiência possível fora do tempo. Por sua vez, da forma que entendamos o tempo dependerão as possibilidades ou impossibilidades da nossa experiência. Na busca de outra compreensão da infância aparecerá necessariamente outra compreensão da temporalidade.

O filósofo Gilles Deleuze falando da arte, e especificamente da literatura, afirma: “À sua maneira, a arte diz o que dizem as crianças. Ela é feita de trajetos e devires” (1997, p. 78). Nesta imagem a infância está associada ao movimento, a trajetos e devires, ao deslocamento - e não à fixação em uma etapa com começo e fim.

Em *L'Abécédaire* (1996), uma longa entrevista na qual Claire Parnet oferece uma série de palavras ordenadas alfabeticamente para que o filósofo se pronuncie à respeito, quando chega o momento do E, a palavra escolhida é *enfant* (criança). Claire Parnet pergunta, por detalhes e episódios da infância de Deleuze e ele conta. Em um momento a entrevistadora assinala da pouca importância que o filósofo dá a sua própria infância. Ele assente e começa a falar sobre a escrita e a pouca importância que tem para o escritor as questões individuais, a memória pessoal, o arquivo. A escrita é empurrar a linguagem ao limite - diz Deleuze -, gaguejar, devir uma criança, não a partir da própria infância, mas antes da infância do mundo. Escrever é devir, afirma, devir-animal, devir-criança. Escreve-se para a vida, para devir algo, exceto devir um escritor e exceto devir um arquivo.

Então, devir-criança, entrar na infância, não tem a ver com fazer um exercício de lembrar aquele momento da nossa vida, com tentar recuperar artificialmente esse tempo perdido. Tem a ver com se deixar levar por esse exercício de olhar o mundo, de se relacionar com ele desde uma espécie de fluxo infantil, de tempo infantil, de trajetos infantis.

Não se trata de voltar sobre a própria infância, mas antes, de entrar na “infância do mundo”, de permanecer uma criança do mundo. Essa infância do mundo não tem a ver com a criança que uma vez se foi, mas com o movimento de ser uma criança. Tratasse de entrar na intensidade de um tempo que não é quantificável, que não é mensurável, que se manifesta múltiplo e que nos permite fazer maleáveis os limites que definem nosso mundo.

Podemos considerar que tanto as perguntas do poeta chileno quanto as das crianças de Bloch trazem notícias de essa infância que independe da idade. Elas provêm desse tempo estranho que Deleuze chama de “infância do mundo”. É ali onde Neruda e essas crianças encontram sua vizinhança. É para ali que suas palavras são arrastadas e nos arrastam. Neruda escreveu suas perguntas com sessenta e nove anos. As crianças de Bloch fazem as suas entre os três e os nove anos. Estas perguntas fogem do corpo programado, da infância orgânica, literal. São perguntas irreverentes que sobrevoam sobre os contornos dos sentidos instalados e relaxam sua tensão. Uma criança irrompe no corpo velho de Neruda e também uma infância toma conta dos pequenos corpos das crianças. Eles estão entrando na



“infância do mundo” que ultrapassa seus corpos e sua idade. Estão criando uma intimidade com o devir do mundo. Estão sendo pegos por um devir-criança.

O infantil nas palavras das crianças não tem a ver com a curta idade delas. O infantil na literatura de Neruda não tem a ver com a idade do poeta nem com a idade de uns possíveis destinatários. O infantil em ambos os casos não é um adjetivo, esse que se usa para inferiorizar alguém acusando-o de ter uma atitude “infantil” ou inclusive para “empequenecer” uma literatura. O infantil aqui é um verbo, uma ação, um exercício que abre mundos, que traz novas formas de olhar e de transformar o que achamos já conhecido, já sabido; é olhar o mundo como se fosse a primeira vez; é trazer sua novidade, sua abertura - essa que tentamos de forma infrutífera cristalizar com nossa linguagem que explica e nos fornece certezas que fecham; é entrar no movimento do mundo que nada tem a ver com essa monótona repetição mecânica do mesmo que nossos orgulhosos relógios quantificam e secam.

Por que é que todo dia é hoje? Quantas semanas têm um dia / e quantos anos têm um mês? Você já pensou se o esquilo se chamasse caranguejo? Que distância em metros redondos / há entre o sol e as laranjas? Quando acende a luz, pra onde é que vai o escuro? Meu desenho é pressa. É um traço correndo atrás do outro¹.

Essas palavras infantis são palavras que transportam nossas palavras adultas para sua fronteira, que deixam nossos sentidos suspensos, afinados, dispostos, para perceber a abertura do mundo e se permitem criar esse mundo. Isso é o que vincula as crianças com Neruda, a infância com a arte (neste caso a arte poética).

Infância e linguagem.

Podemos ver como a infância não tem a ver só com o tempo, mas também com a linguagem. Dissemos que nossa experiência se define no tempo. Ela também se define na linguagem. De que modo?

¹ Seleção de fragmentos misturados das citações realizadas anteriormente: BLOCH, 1999 e NERUDA, 2008.

Nascemos sem saber falar, para nomear-nos e nomear o mundo, inevitavelmente, acabaremos valendo-nos das palavras e significados que nos serão cuidadosamente ensinados. Mas essas palavras nos ensinarão não só a dizer, mas também a ver, a pensar, a compreender as coisas e a compreender-nos de um modo particular. Essas palavras, e o modo de relacioná-las que temos aprendido, ao mesmo tempo em que apresentam um mundo, marcam um limite. Aprendemos que cada coisa tem um nome, inclusive nós mesmos. Aprendemos a nomearmos de um jeito determinado, aprendemos a dizer quem somos e como somos. Aprendemos a ver o mundo a partir do que esses nomes nos permitem distinguir e temos dificuldades para ver aquilo que as palavras do nosso dicionário não mencionam. As palavras, ao mesmo tempo em que apresentam, ocultam. Não porque sejam mentirosas, mas porque definem contornos, agrupam coisas e ideias, ordenam e constroem um mundo que para nós se apresenta como “o mundo”. Assim, vai se tecendo uma complexa trama de sentido que abre e delimita desde nossas experiências mais simples até as mais complexas.

Quando, com o passar do tempo e o trabalho da educação, uma criança consegue dominar com propriedade o código da sua língua e, junto com ela, o mundo simbólico da sua cultura, consideramos que ela já entende, que pode ser dona de seus atos e a declaramos adulta. Apropriar-se de uma linguagem adulta, significa apropriar-se de uma lógica, de uma forma de pensar e de se relacionar com o mundo.

Junto com as palavras aprendemos que uma coisa não pode ser ela e outra ao mesmo tempo. A partir da linguagem estabelecemos divisões claras que nos permitem agir, mas acabamos achando que essas divisões provêm do mundo, que nós simplesmente representamos essa ordem da melhor forma possível. Na escola aprendemos a dividir a vida em reinos: reino animal, vegetal e mineral. Depois de aprender essas divisões aprendemos a nos inscrever em alguma dessas partes e a distinguir nossas diferenças específicas, a que subdivisão nós pertencemos e a qual subdivisão pertence cada coisa que reconhecemos neste mundo. Sabemos que se pertencemos a alguma destas categorias, necessariamente não podemos pertencer a outra. Algo não pode ser uma pedra e um animal ao mesmo tempo e na mesma relação. Infelizmente, uma flor não pode voar de pássaro em pássaro e entre o sol e



as laranjas não existe nenhum parentesco distante que garanta sua familiaridade. Esses tipos de considerações e confusões deixamos para o mundo dos sonhos ou da fantasia ou para estágios de imaturidade que não permitem compreender as ideias claras e distintas. As divisões claras mantêm os contornos de nossa experiência estáveis e nos deixam tranquilos porque nos permitem antecipar. Já sabemos o que cada coisa é e já sabemos o que encontraremos.

Quando o mecanismo parece estar lubrificado, quando depois de passar por um longo processo conseguimos dominar nossa língua e nos tornamos experientes no exercício de codificar e decodificar o mundo que nos rodeia, de demarcar com nossas palavras suas seguras fronteiras, chegam aqueles que não sabem ainda falar. Eles desconhecem nossa língua e precisam aprendê-la. Aprende-se a falar falando. E é nesse jogo com essa linguagem que se lhes apresenta como totalmente nova que as crianças, essas recém-chegadas, forçam as palavras a inaugurar sentidos tão novos quanto elas.

Estão também aqueles que, apesar de sua idade avultada, nunca aprenderam a falar e que, com um simples arredondamento dos metros, são capazes de traspasar as fronteiras estabelecidas e, subitamente, nos apresentar com a força de uma evidência a intensa intimidade que vincula o sol e as laranjas.

Dissemos que as palavras são muito mais que fonemas e grafemas que se combinam. Elas tecem sentidos, os sentidos com os quais lemos o mundo e a partir dos quais agimos nele. Então, quando alguém brinca com as palavras e as força a dizer coisas novas, está brincando com os sentidos instalados do mundo, está criando novos sentidos para compreender esse mundo, ou melhor, está criando novos mundos.

Podemos ver assim como a infância, como colocávamos no início, tem a ver com uma desestabilização, com um desarrumar o que estava ordenado e fixado, com um entrar nessa dimensão inaugural do tempo e da linguagem.

Pedro Bloch deixa em evidência como procede essa desordem própria de uma linguagem infantil, neste caso, encarnada na voz de algumas crianças. Seu livro convida-nos a tirar os óculos com os quais habitualmente olhamos o mundo. O autor escolhe ordenar as expressões das crianças ao modo de um dicionário. Os dicionários costumam ser livros que enchem de definições, de significados. Os

comentários das crianças sistematicamente desafiam essa lógica o que o faz intitular seu dicionário *Dicionário de humor infantil* deixando em evidência o inclassificável dessas palavras. O humor já traz uma dimensão desestabilizadora. Essas expressões que arrancam nosso sorriso foram produzidas por crianças e, por isso, o autor chama esse humor de humor infantil. Mas parece-nos que a qualificação de infantil é muito mais do que isso. O infantil aparece também como advertência de que o que ali se encontrará não tem a ver com a forma em que habitualmente nós adultos digerimos o humor e o colocamos na gaveta das coisas bagunçadas, bem separada de nossos pensamentos e de nossas palavras habituais. Este *Dicionário de humor infantil* captura momentos em que as crianças estão levando muito a sério a tarefa de explicar ou de questionar um mundo que se lhes apresenta como complexo, mostra o gesto através do qual se lançam a explorar seus múltiplos sentidos. Elas estão deixando em evidência que uma leitura unívoca empobrece as palavras e reduz nossa experiência. Sorrimos quando lemos aqueles exercícios, sorrimos no esforço de não permitir que essas perguntas ou essas definições nos afetem, nos obriguem a considerá-las e comecem a fazer cambalear nossas estantes categoriais. Esse sorriso é um sorriso que está tentando resistir à infância que questiona os pobres limites que damos ao nosso mundo.

Depois de colocar as crianças do “humor infantil” ao lado do sol e as laranjas de Neruda, inevitavelmente aparecem as palavras de Rilke: “Arte é infância. Arte significa não saber que o mundo já existe, e fazer um. Não destruir nada que se encontra, mas simplesmente não achar nada pronto.” (2007, p. 192).

Essa possibilidade de inaugurar mundos que Rilke atribui ao trabalho da arte é o que estamos chamando aqui de infância.

Uma infância que nos desafia e que obriga a repensar o sentido que pode ter a educação, que habitualmente é entendida como um trabalho de acompanhar a criança no seu trânsito para a adultez. A educação costuma ser um trabalho de construção, de estabilização de sentidos que vão fazendo que crianças e adultos esqueçam que nada já é, que nada está pronto, que o mundo é múltiplo e que não há mais que possibilidades.

Enviado em: 11/12/2012
Aprovado em: 06/01/2013



Referências

- BLOCH, Pedro. *Dicionário de humor infantil*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.
- BERGSON, Henri. *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- DELEUZE, Gilles. *L'Abécédaire de Gilles Deleuze, avec Claire Parnet*. Dirigida por Pierre-André Boutang. Paris: Éditions Montparnasse, 1996. DVD.
- _____. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 1997.
- KOHAN, Walter. *Infância. Entre Educação e Filosofia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- _____. "A infância da educação: o conceito de devir-criança". In: KOHAN, Walter (org). *Lugares da infância: filosofia*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- NERUDA, Pablo. *O livro das perguntas*. São Paulo: Cosac & Naify, 2008.
- RILKE, Rainer Maria. *Cartas do poeta sobre a vida*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2007.